
*Notas de um educador
popular em Los Angeles
(Uma leitura do mundo dos imigrantes
latino-americanos no sul da Califórnia)*

Peter Lownds**

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra”
Paulo Freire

O meu contato original com a pedagogia de Paulo Freire foi rápido mas inesquecível. Como voluntário do “Corpo da Paz” de Kennedy recém-chegado em Pernambuco, eu estava mandando uma carta no correio central do Recife, quando um amigo brasileiro me mostrava uma cópia arrebatada da sua cartilha famosa. Lembro-me que estava ilustrada com algo que me pareciam xilogravuras tais quais as capas dos livros de cordel que tinha visto em Caruaru e que falavam da injustiça das relações entre os fazendeiros e os camponeses em frases diretas e afirmativas. Mas não tive tempo de dar mais de uma olhada, pois o amigo ficou nervoso e escondeu-a de novo no bolso. Era 1966. Os militares tinham dado golpe no governo popular de João Goulart dois anos antes e Castelo Branco já estava tomando conta do Brasil. Paulo Freire tinha ido para novos campos de luta no Chile. Enquanto isso, no Brasil, seu abecedário representava posse temerária, com a qual ninguém queria ser apanhado. Apesar disso, meu amigo pretendia me mostrar que algo esperançoso tinha sido gerado nesta cidade abafada, as ruas cheias de mendigos e aleijados, crianças famintas e a presença ameaçadora da polícia militar.

* Este ensaio está dedicado ao amigo-irmão José Ataíde, historiador olindense das festas populares, homem do povo, compositor e, há mais de trinta anos, meu correspondente, informante e inspirador.

** Peter Lownds é educador, escritor, ator e consultante de comunicação. Obteve o mestrado na UCLA, 1997 em estudos latino-americanos. Atualmente é candidato doutoral em Educação Comparativa na Faculdade de Educação da Universidade da Califórnia, Los Angeles, E. U. A.

Trinta e poucos anos depois, eu moro na cidade bimilenar de Los Angeles, a nova Babel da América, sobre cujo litoral árido a onda mais recente de imigração está inchando como um *tsunami*. Agora ensino inglês como segundo idioma (ESL) em salas de aulacheias de imigrantes latino-americanos. Tento aplicar o método freireano ao meu ensino: dispenso os textos multiculturais em favor de diálogos coloquiais e ensaios biográficos, crio círculos de leitura, trago codificações das palavras generativas: abro a porta da aula pelo mundo afora e deixo entrar a política e os problemas sociais dos alunos; a saudade, a desgraça, a precariedade generalizada.

Como escrever sobre novas aplicações do credo freireano num lugar e numa hora quando a passagem recente da proposição 209 isentou o Estado da Califórnia de dar tratamento preferencial a “qualquer indivíduo ou grupo na base de raça, sexo, cor, etnia, ou origem nacional com respeito a emprego público, educação pública ou contratos públicos”? A megalópole atual de Los Angeles está pronta para a conscientização.

No bairro de aproximadamente sete quilômetros quadrados onde eu moro e trabalho, há meio milhão de pessoas, a maioria imigrantes de proveniência mexicana, salvadorenha e guatemalteca. É um dos bairros mais populosos da nação inteira e um dos poucos lugares nessa coleção de subúrbios em busca de uma cidade onde há vida nas ruas. Aqui coreanos, armênios, tailandeses, etíopes, bengalis e monges budistas vietnamitas acrescentam cores e sabores exóticos ao já rico *menudo* mexicano e centro-americano. Mulheres salvadorenhas vendem em tabuleiros *pupusas*, tortilhas gordas recheadas de feijão e queijo, e *champurrado*, uma bebida espessa e doce feita de milho e canela. Todo o mundo come *elotes*, espigas de milho cobertas de maionese, queijo ralado e pimenta picante. O arame das cercas serve para pendurar a roupa de segunda mão nas vendas do fim da semana e também grandes ramos de flores brancas comestíveis chamadas *lorocos*, fruto da iúca, que fazem as *pupusas* ainda mais gostosas.

De noite, as vias principais do bairro, as avenidas Vermont, Normandie e Western, estão cheias de carros e cartazes iluminados festejando a presença coreana: *mini-shoppings* repletos de restaurantes, salões de sinuca, botequins de *karaoke* para a mocidade cantar e grandes campos de golfe sintéticos onde os seus pais praticam os lances sob as luzes. As muitas boates coreanas têm nomes estranhos: *Casablanca*, *Rembrandt*, *La Vie en Rose*. Por contraste, a presença *latina* é soturna. Clássicos automóveis americanos restaurados, brilhando de cera e com molas especiais para que os chassis fiquem baixos, fazem uma fila lenta nos bulevares ressoando a música *norteña*, turmas de jovens carecas e cheios de tatuagens vadiam nas esquinas escuras até que o som de tiros invade o sereno e os helicópteros da polícia descem como urubus barulhentos para mexer na carne verde dos seus delitos. Eis o território dos *panilleros*, gangues de narcotraficantes e ladrões de automóveis que têm marcado os seus parâmetros em grafites para todo o mundo saber que aqui o vício é rei.

A manhã vem cedo. No templo budista, os monges estão acordados muito antes de o sol nascer nos seus mantos cinzentos, cantarolando os sutras ao som da batida do *mokojo* de madeira e o gongo melodioso. *Tempranitos* também são os trabalhadores das fábricas. No distrito das fábricas de tecidos, a labuta começa às seis. Milhares de homens e mulheres latino-americanos saem rumo aos *sweatshops* e armazéns da maior indústria de vestidos fora de Nova Iorque, onde eles agüentam o barulho constante dos motores a jato das grandes máquinas cortadoras, empacotam e desempacotam os fardos de tecidos, carregam e conduzem aos caminhões, fazem e refazem os padrões dos trajes e inclinam as cabeças para costura. Ao mesmo tempo, os ônibus estão indo para o lado oeste da cidade, até Beverly Hills e as praias de Santa Mônica e Malibú, com um exército de empregadas domésticas, mães e avós do México e América Central, que vão limpar as casas, lavar e dobrar a roupa e cuidar das criancinhas dos *gabachos*, como elas chamam os brancos que, há somente cento e cinqüenta anos atrás, viraram os donos da grande parte da Califórnia. O transporte público de Los Angeles é inadequado: os ônibus vêm esporadicamente e levará anos para o projeto do metrô prometido estar concluído. Aqui o automóvel é uma necessidade, mas a grande maioria dessas senhoras não sabe dirigir. Apesar disso, ganham mais por hora do que os trabalhadores de fábrica e, dentro de pouco tempo, as mais diligentes guardarão dinheiro suficiente (mesmo com as remessas constantes para as famílias longínquas) para comprar um carrinho. Seus maridos, filhos e irmãos (os que não estão nas fábricas) vão fazer trabalho de jardim nos quintais luxuosos da gente abastecida. Alguns deles passam as manhãs podando árvores e cercas e ainda fazem um turno suplementar na fábrica. Mas, desde o acordo NAFTA, muitos dos grandes fabricantes estão atravessando a fronteira mexicana para, terceirizando a mão-de-obra em favor de *maquilladoras*, obterem a produção por fração do salário dos parentes dos peregrinos que atravessaram a mesma fronteira, a duras penas, procurando trabalho melhor. As ironias da pós-modernidade aqui se desenvolvem com uma histórica rapidez.

Os sociólogos conhecem o efeito da “mudança Fishman”: os imigrantes adultos usam o seu idioma pátrio em casa e no trabalho, transmitindo-o aos filhos bilíngües que, depois de alguns anos na escola e diante da televisão, respondem aos pais na língua predileta. Já na terceira geração, os netos dos imigrantes estão falando puro inglês e querendo saber por que a vovozinha tem tanta dificuldade de entender. Embora essa mudança do idioma do país possa ser adiada um pouco por causa do orgulho étnico, do isolamento geográfico dos *hispanohablantes* e da proximidade do México, ela existe, cresce e eventualmente rasga o tecido conectivo das famílias dos imigrantes. Essa rasgadura é uma das forças que impulsionam os imigrantes aos programas de ESL.

Tenho ensinado “inglês como segundo idioma” aos adultos por mais de uma década. Durante este período, trabalhei com coreanos, russos, japoneses e uma mistura dos europeus do oeste, a maioria se preparando para os exames TOEFEL

e GMAT para poderem entrar em universidades norte-americanas. A condição acadêmica dos latino-americanos em L.A. é fundamentalmente diferente: não têm base educacional. A média da experiência escolar prévia dos estudantes adultos nas classes públicas é de três ou quatro anos. Além disso, eles têm estado neste país por mais tempo, às vezes até quinze ou vinte anos, falando somente espanhol e sonhando em *volver*, um dia, aposentar-se nas suas pátrias, morando em casas construídas com a ajuda das remessas e gozando de uma vida mais simples do que aquela que L.A. lhes ofereceu.

Muitas das mulheres estão desquitadas dos pais das suas crianças e poucas das mais experientes desejam fazer novas uniões. A maternidade *tempranita* e o machismo muitas vezes brusco dos seus parceiros têm matado o interesse. As que permanecem casadas são *amas de casa*, relegadas ao cuidado da meninada e a manutenção do doce lar. A síndrome do “ninho vazio” tão comentada entre os americanos de classe média para cima, é quase inexistente num mundo de famílias estendidas de várias gerações onde as filhas e os filhos moram em casa enquanto inauguram as famílias próprias. Não obstante, algumas das mães veteranas se queixam, amarguradas de serem mantidas na função de criadas perpétuas pelos maridos e filhos bilíngües. Não podendo dirigir automóveis e vinculadas ao bairro pela falta de inglês, elas ficam desanimadas, ganham peso e estão entre as mais difíceis de estimular a estudar. Já os homens recém-chegados e separados das suas famílias têm forte estímulo por conta da persistência no trabalho e na escola, perseguindo o objetivo de se tornarem cidadãos e assim obterem a meta desejada da reunificação familiar.

O diálogo é sempre pessoal: trata-se de comunicação verbal entre duas ou mais pessoas sobre algo suficientemente compulsivo para prolongar a conversa. Uma das coisas que acho desconcertante na maioria dos textos usados nas aulas de ESL nas escolas adultas de Los Angeles é que os diálogos, desde o nível mais elementar, são sempre “politicamente corretos”: destacando um padrão nacional e racialmente integrado, empregado, educado e suavemente articulado, que fala somente dos assuntos seguros -a escola, o tempo, o tráfego, o trabalho- de um ponto de vista incorrigivelmente otimista que não tem nada a ver com as pessoas que vejo todos os dias: pessoas sofridas, gastas pelo trabalho duro e pelo choque de chegar num paraíso falso que lhes exige grande sacrifício físico e emocional, gaguejando uma língua alheia com terror de serem julgadas pela autoridade “branca”, *el maestro* ou *la maestra* que, às vezes, não conhece nada de seus antecedentes, nem quer conhecer.

Tentando abrandar o choque da entrada e criar, o mais cedo possível, uma espécie de santuário dentro da aula onde todos possam ficar à vontade e começar a desenrolar as línguas e os preconceitos, torno-me autobiográfico: trago os papéis de naturalização do meu pai e da minha avó paterna, conto umas histórias da minha juventude em Nova Iorque numa família mista: o meu pai, um judeu

alemão, emigrou de Düsseldorf em 1936; o meu avô materno, um marinheiro dinamarquês, pulou do navio na baía de Galveston em 1918, um “molhado” europeu que cruzou a fronteira às escondidas como muitos dos meus alunos e encontrou a minha avó irlandesa-católica em Detroit. Depois de introduzir minhas raízes, peço aos *educandos* que contem algo de suas histórias. Dependendo do tamanho da turma, isso pode levar dias ou até semanas. No princípio, falo e ouço bastante espanhol. Quero que eles expressem as suas idéias e as suas emoções desembaraçadamente para me revelarem as personalidades verdadeiras logo no começo. Se não entendo uma frase ou uma palavra, exijo que eles expliquem ou usem um sinônimo. Quero estabelecer um reino da linguagem pois, honrando o idioma nativo, saliento a primazia das palavras como agentes de comunicação. Pergunto muito. Os mexicanos e centro-americanos são, em geral, muito mais introvertidos do que os brasileiros e precisam de bastante encorajamento para se abrir, mesmo na sua língua nativa. Quero que todos entendam que as perguntas e respostas são o sangue vivo do diálogo. Acho importante que eles escutem o meu espanhol esquisito e vejam que isso não atrapalha a minha comunicação com eles numa variedade de assuntos -a menos que haja perfeccionistas na sala que tenham medo de errar. Se puder, todo facilitador de idiomas tem que ser palhaço, pois é preciso romper de modo espontâneo e leve a ansiedade contínua com que os adultos enfrentam a tarefa (que eles imaginam ser infantil) de aprender um idioma novo.

Na escola primária da Avenida Normandie (perto do foco do motim civil de 1992), eu ensinava a uma turma de mulheres: mães e avós das crianças que vieram estudar inglês após depositarem sua prole nos lugares certos. A escola tem mais de dois mil alunos que estudam ali (em quatro turnos) o ano todo. Ela vai do jardim de infância até o quinto ano elementar. O corpo estudantil é composto de 49% afro-americanos e 51% latino-americanos e, durante o recreio, parece que “a aliança do arco íris” do reverendo Jesse Jackson já está realizada em miniatura. Mas há um forte antagonismo entre os dois grupos de pais. Do ponto de vista das minhas alunas, *los morenos* são invejosos porque elas vêm comprando casas numa vizinhança tradicionalmente negra e porque suas famílias são mais empreendedoras, não tão dependentes do Welfare (assistência social) nem sequer em relação a narcóticos e álcool. Elas alegam que as *maestras* morenas atormentam as suas crianças, dizem que as pessoas da cozinha (também morenas) roubam e vendem a comida destinada aos seus filhos e que eles sofrem dores de estômago porque não suportam comer o almoço frio e invariável que é servido em vinte minutos regimentais, que a área de refeições está imunda e que, quando ameaçados, os morenos sempre se defendem, enquanto os latinos são segregados em grupos nacionais que se rivalizam entre si. A comunicação entre as duas raças é nula. As latinas não entendem bulhufas do linguajar afro-americano e sempre me perguntam se aquilo é a mesma coisa que inglês...

Mas tais opiniões levaram meses para serem ditas. A conscientização é um processo lento. O nexo da discussão na nossa aula foi sempre quem cuidaria das crianças menores de idade (ou das que estavam entre turnos) durante a classe. Ninguém queria tomar conta dos filhos das outras sem ser paga e todas achavam que o cuidado não valia nem o dólar por criança que cobrou a mulher por trabalho rotativo. Finalmente, depois de mais de um ano da discussão contínua, uma aluna ativista (que nem tinha filhos na escola) disse que cuidaria de todos diariamente sem cobrar nada para possibilitar o estudo ininterrupto de suas companheiras. Assim terminou a discussão.

Voltemos ao princípio do semestre. As narrações dolorosas dos educandos, cheias de pavor, humilhação e sacrifício, às vezes vêm acompanhadas de lágrimas e ira. Essas emoções fortes são sempre bem-vindas: a turma fica mais solta, os nervos frágeis relaxados pela expressão de memórias ligadas aos sentimentos fortes há muito tempo contidos. As testemunhas, afetadas pela mostra das paixões revividas, sentem suas próprias dores. Então, unidas pelo sofrimento, a família escolar se constrói. Agora as que estavam chorando, estão às vezes sorrindo de alívio. O ambiente clareou; agora a prática pode começar.

Um exemplo do diálogo fundamental é a apresentação. Nos primeiros dias da aula há várias saudações cordiais, praticadas com apertos de mão em grupos de duas ou três pessoas e acompanhadas pelas frases requisitadas: “Hello/How do you do? My name is.../What’s your name?” or “I’d like you to meet.../This is my friend.../ Nice to meet you.../ Nice to meet you, too...” que introduzem a formalidade constrangedora desses empréstimos europeus para esta gente (como as mulheres na aula exemplar) que nunca se acostumaram a oferecer a mão para um *saludo*. Mas a apresentação pessoal também pode conter elementos autobiográficos importantes e tomar a forma de diálogo entre uma solista e o coro da turma. Essa prática pode ser inaugurada na primeira aula e se repete nos dias seguintes, na escola e em casa. Assim os educandos podem avaliar o seu progresso na pronúncia, tanto quanto na memorização e, aos poucos, se acostumam nas autopresentações no “palco” de frente da turma. Uma pessoa, de pé no palco, diz: “Hello/Good morning/good afternoon/good evening classmates” (dependendo da hora), enquanto o resto da turma responde:

Coro: Good morning, sir/madam. What is your name?

Solista: My name is Maria Vargas.

Coro: Where are you from, Maria Vargas?

Solista: I am from Guadalajara, Jalisco, Mexico.

Coro: Where do you live now, Maria Vargas?

Solista: I live at one five three North Berendo Street, apartment seven in Los Angeles, California.

Coro: Why are you here, Maria Vargas?

Solista: (com gestos) I (mãos tocando ombros) am (mãos estendidas para frente ao nível da cintura) here (mãos, palmas visíveis, apontam o chão) to learn (uma mão, em punho, bate na palma da outra) to read (mãos formam um “livro”), to write (o dedo indicador de uma mão “escreve” na palma da outra) and to speak English (o dedo indicador de uma mão toca os lábios e se estende, a palma acima, para frente; na palavra “English”, o pulso torce, a palma para baixo, e o braço se converte numa “flecha” apontando a meta) so (a mão manipula a manivela de uma porta imaginária) I can become (mão abre “a porta” e a solista passa pelo mundo bilíngüe) a United States citizen (nas palavras “United States” a solista fica de pé em posição de sentido, na palavra “citizen”, ela põe a mão direita sobre o coração).

Este exercício cinestésico, que eu chamo de “baile da cidadania”, quebra o gelo de uma aula inicial, ao mesmo tempo em que apresenta as participantes, reforça o seu estado de adultos, treina a memória pela repetição natural dos nomes e proveniências, ensaia a pronúncia de fatos importantes claramente ditos em caso de emergência e ensina uma série de palavras e gestos que combinam a diversão de um jogo com o poder de uma declaração. O divertimento contém toda a noção do diálogo ligado com os detalhes da existência das alunas. A timidez e a vergonha estão derramadas na troca entre a solista e o coro.

Se a linguagem é a chave da cultura, a pronúncia é a chave da mobilidade cultural. No *Pygmalion* de G. B. Shaw, uma humilde vendedora de flores é transformada numa *lady* pelas experiências de um pedante de pronúncia que transforma o sotaque “Cockney” da sua aluna bonita pelo dialeto “Oxbridge” da nobreza, criando assim sua ascensão relâmpago na escada social. A sociedade norte-americana, debaixo da fachada igualitária, oculta suficiente consciência de classe. Um físico imaginário, visitando uma Cal Tech e contemplando o cosmo das ruas de Pasadena na alta madrugada, e ignorando que ninguém caminha de noite em determinados bairros sem ser suspeito, diz para o policial que o interroga: “Ai yan fron Mejico” e fica preso. Então, trabalhamos nas terminações (que os faladores da versão americana do castelhano tendem a engolir) junto com as combinações estranhas de vogais e consoantes num idioma que, embora compartilhe centenas de palavras de raízes latinas com seus primos românicos, é cheio de truques com respeito à pronúncia das letras e das sílabas.

Tenho desenvolvido nomes para algumas das posições estranhas que o inglês exige dos lábios, da língua e do maxilar. Comparado ao espanhol do Novo Mundo que se pode falar com a boca estreita de um ventríloquo, a versão atual do idioma de Shakespeare, mesmo se for falado menos correntemente, requer que as mandíbulas se abram e que os beiços e a língua sejam relativamente ágeis. O som “er”, muito comum na nossa língua, pede uma breve extensão dos lábios que eu denomino “*boca de peixe*” ou “*boca de beijo*”, alegando que os ensaios diligentes premiarão os praticantes com poderes osculatórios superiores. O riso ajuda nas

repetições e correções que seriam, de outra maneira, insuportáveis. A formação de “*th*”, onde a língua deve aparecer e desaparecer rapidamente entre os dentes, chamamos de “*língua de cobra*” e a de “*ve*” que requer uma leve mordida do lábio posterior para se distinguir do “*be*” são outros pontos de concentração. Todas essas operações podem ser arduamente embaraçosas para os adultos, especialmente as senhoras, se não forem tratadas com compaixão e ternura. Entretanto, os educandos latino-americanos têm sua própria taquigrafia oral onde se pronuncia tudo como se fosse espanhol ou português. É um dialeto insalubre para os pedantes escutarem, porque, enquanto faz absoluto sentido, também explode toda a diligência fonética posta na mudança dos sons.

Talvez a convicção estudantil mais difícil de dissipar seja aquela esperança que se pode dominar um idioma somente com aula. Ao contrário dos imigrantes russos, que aprendem tanto dentro de um ano que podem abrir negócios e submeter-se a exames profissionais, ou os coreanos e japoneses, disciplinados por muitos anos de duro labor escolar, a maioria dos educandos latino-americanos se aproximam da língua inglesa cabisbaixos. Recentemente, eu quis saber de uma turma nova de quarenta e poucos alunos quantos já falavam algum inglês; somente três mãos se levantaram. Quando repeti a pergunta em espanhol, vi o gesto mimético para *poquito*: uma separação de milímetros entre o polegar e o indicador, a cabeça inclinada ao lado transmitindo o senso de humilhação. Nesses casos, costumo fazer uma *broma* com gestos apropriados: “se eu pudesse encher os seus crânios com o inglês como se enche o tanque de um carro com gás, vocês me pagariam qualquer preço pelo serviço e sairiam imediatamente da aula”. Quase todo o mundo concorda, sorrindo: aquilo seria o ideal.

Para mim, a aula ideal combinaria teatro, laboratório e usina, onde a linguagem catada fora poderia ser atuada, analisada e desconstruída como as peças de uma máquina para ver claramente a função individual de cada parte e conhecer melhor como funcionam quando estiverem armadas. As vicissitudes da vida são o mestre verdadeiro. Eu sou apenas um facilitador, tradutor dos signos e detetive da gramática, um poeta biruta proclamando a beleza das línguas, um missionário poliglota pregando o evangelho arcaico do diálogo humano numa idade de computadores que tanto “falam” que não há mais necessidade da *tête-à-tête*.

Uma das razões para que a educação popular seja um conceito tão difícil de dominar, analisar e descrever, ao menos na sua versão libertadora, talvez possa ser sua postura democrática *ipso facto* contra a natureza das sociedades hierárquicas e classistas como a nossa. Paulo Freire assumiu, como bom budista, que os seres humanos podem ser livres, se eles somente deixarem de lado a tendência ao sofrimento e à desilusão. A meu ver, ele era um educador intelectual e espiritualmente astuto que delineou preceitos inexecutáveis dentro de uma pedagogia democrática que dependia, ao menos no Brasil, de uma revolução que nunca chegou. Os oprimidos brasileiros, hoje em dia, são relativamente ainda

mais numerosos e mais carentes que a trinta e poucos anos atrás quando me descobri entre eles. Uma herança duradoura da rapacidade colonial virada imperialista é a dialética mestre/escravo que Freire tão nitidamente esclarece na *Pedagogia do Oprimido*. Depois de quinhentos anos disso, o desespero popular no nordeste brasileiro é mais evidente que nunca. Os queixumes e as misérias que ouço nas minhas aulas em Los Angeles nem sequer alcançam a sombra das conseqüências desastrosas do abismo crescente entre os possuidores e os invisíveis do Brasil. Na economia atual da Califórnia (que seria a sexta do mundo se o estado fosse país) as classes trabalhadores incluindo a maioria dos imigrantes são ao menos parcialmente protegidas pelo sistema dos benefícios estaduais e federais. A educação pública, embora muito problemática, ainda é gratuita e ao alcance de todos, o clima é maravilhoso, os aluguéis razoáveis (ao menos na minha vizinhança) e a comida universalmente variada, barata e fresquinha. Por isso, grande parte dos imigrantes quer adotar cidadania local e trazer os seus familiares para cá. Eu digo aos meus educandos que eles são verdadeiros peregrinos, audazes que nem os puritanos da *Mayflower*. Seus contos de como cruzaram a fronteira são mais aventureiros que o último filme de Schwarzenegger. Os seus filhos assimilados e bilíngües estão nas universidades dando razão ao orgulho dos pais. Os menos afortunados ainda estão trabalhando (seja em becos sem saída na virada nacional pela tecnologia) ou vivendo a versão *gangster* do sonho americano com seus “homies” nas ruas e nas penitenciárias onde, ao menos na Califórnia, a comida é farta, há televisão e, nos recreios, os machos afro e latino-americanos podem se curtir no sol da praça interna e esculpir os corpos armadurados levantando pesos enquanto alimentam o tradicional ódio inter-racial.

Daqui a pouco, os latino-americanos vão se tornar maioria na população de Los Angeles. Entretanto, o atual distrito escolar da cidade contém setecentos mil alunos e, cada ano, está acrescentando dez mil a mais. O distrito carece de escolas para tamanha multidão. Agora parece que foram extraviados novecentos milhões de dólares empenhados pelo estado que pagariam a construção de cem escolas novas. Nove mil instrutores atuais estão lecionando sem licença, trezentas aulas estão sendo conduzidas por substitutos. O estado está ameaçando tomar conta dessas escolas enfraquecidas. É incrível que no segundo distrito da nação em tamanho (uma organização de sete bilhões de dólares) ocorra tamanho descaso com a população, sendo que esta é uma das principais razões pelas quais a maioria (70 %) dos alunos é de latino-americanos. Desde 1978, o distrito construiu somente oito escolas, enquanto a matrícula escolar cresceu para mais de cento e cinquenta mil estudantes¹. Por causa disso, as escolas funcionam o ano todo e milhares de alunos vão para longe de suas vizinhanças de ônibus. O distrito é um dinossauro; uma burocracia gigante e muito lenta que não funciona para o bem-estar do povo.

Muito depende da vontade da comunidade latino-americana de Los Angeles de aceitar a sua própria cidadania e os deveres aí incluídos. Aluta continua. A distância

entre ricos e pobres está crescendo aqui também. O racismo mostra seu rosto até em Sacramento, capital do estado da Califórnia onde, durante oito anos agora misericordiosamente concluídos, o governador republicano Pete Wilson assolava a imagem dos imigrantes vindos do sul do hemisfério ao mesmo tempo em que tentava lhes anular os direitos constitucionais. Ninguém vai dar nada aos latinos. Eles têm que encontrar ânimo em vez de aceitar a caridade do sistema e isso pode significar a perda do sonho tão prevalente de *podervolver* à pátria. Enquanto vivem com os pés aqui e o coração lá, os imigrantes não vão encontrar o necessário espírito de luta. Nem se criarão cidadãos que superem as fortes barreiras econômicas e sociais que obstaculizam sua inserção decisiva na sociedade norteamericana. Por enquanto são vistos apenas como grupo crescente de consumidores famintos. O seu materialismo inerente, fruto natural da carência do passado, está sendo explorado pelo novo capitalismo mundial. As distrações do divertimento comercializado e do nacionalismo antiquado, junto ao cansaço que vem do labor pesado e da luta contínua de se estabelecer, sem nenhum treinamento, numa cultura ao mesmo tempo sofisticada, secular e xenofóbica, ameaçam acabar com o bom senso instintivo e a sabedoria natural de um povo intimamente ligado, no seu sangue mestiço, às gerações de agricultores, extrativistas e sobreviventes dos grandes choques culturais. Asua fecundidade num mundo acanhado é uma espada de dois gumes: pode prover a maioria em números na cidade de Los Angeles mas, se não vier acompanhada de muita garra e uma clara estratégia política pela unificação das várias facções e interesses em favor da comunidade toda, inclusive dos imigrantes mais novos, a vida urbana vai virar um pesadelo longe das possibilidades e privilégios buscados por esse povo lutador.

Nota

1 Todos esses dados estatísticos vêm do jornal *Los Angeles Times*, edição de 16/10/99

Se terminó de imprimir en el mes de setiembre de 2001
en los talleres de Gráficas y Servicios S.R.L.
Sta. María del Buen Aire 347 (1277)
Buenos Aires, Argentina
Primera impresión, 700 ejemplares.

Impreso en Argentina